

## CHARGE: INTERTEXTUALIDADE E HUMOR

### CARTOON: INTERTEXTUALITY AND HUMOR

Maria Clara Catanho Cavalcanti<sup>1</sup>  
Mestre em Letras  
Universidade Federal de Pernambuco  
(clara\_catanho@yahoo.com.br)

**RESUMO:** A charge tem chamado atenção de professores e pesquisadores por ser um gênero constituído geralmente por linguagem verbal e visual. Seu uso como objeto de ensino em escolas e universidades tem crescido e atingido diferentes áreas. A charge (do francês *charger*: carregar, exagerar) tem como objetivo a crítica humorística de um fato específico, geralmente de natureza política. Ela deve abordar um assunto atual e interessante para o público leitor. O objetivo central desse estudo é mostrar a organização multimodal da charge, ressaltando que argumentos também podem ser constituídos por linguagem visual. Nosso ponto de partida é uma análise sócio-interacionista, a qual vislumbra o processo comunicativo da charge. Para tanto, utilizaremos como fundamento as concepções de Bakhtin ([1929]1992) acerca da linguagem; os Estudos Retóricos de Gêneros, principalmente através das teorias de Miller (1984; 1994; 2009) e Bazerman (2006a; 2006b) e as considerações de Koch (2004) acerca da intertextualidade.

**Palavras-chave:** Charge; Intertextualidade; Humor; Gênero textual

**ABSTRACT:** The cartoon has caught the attention of teachers and researchers for being constituted in most cases by verbal and visual language. Its use as an object of study by different disciplines in schools and universities has grown. The purpose of a cartoon is the humorous critique of a specific fact, generally of a political nature. It usually focuses on a current and interesting event to the reading public. The objective of the present investigation is to show how the verbal and visual modes of language organize the cartoon text and more specifically how arguments are presented verbally and visually. It begins with a social constructivist analysis which illustrates the communicative processes of the cartoon. To that end, we will use as theoretical foundation the rhetorical studies of gender, specially through Miller's (1984; 1994; 2009) and Bazerman's (2006a; 2006b) and the studies by Koch's (2004) about intertextuality.

**Keywords:** Cartoon; Intertextuality; Humor; Genre

Os gêneros textuais constituídos por várias modalidades de linguagem crescem a cada dia. A charge tem conquistado muitos leitores e, diversas vezes, é utilizada como material de apoio didático. Um dos aspectos interessantes em seu uso como objeto de ensino é o fato de condensar informações em processos intertextuais que obrigam o interlocutor a conhecer acontecimentos atualizados para que consiga realizar as inferências adequadas e construir sentidos. Esse trabalho de leitura é extremamente interessante, pois o chargista emite críticas e opiniões que podem iniciar uma reflexão e um posterior debate sobre algo importante na

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística – Universidade Federal de Pernambuco.

sociedade. Outra vantagem é que a análise social por meio da charge é bem humorada, o que torna as atividades que envolvem esse gênero leves e prazerosas.

Engana-se quem imagina que a charge é apenas uma piada gráfica que utiliza a linguagem visual em sua construção. Na verdade, é um texto opinativo e, impressa nos jornais, é normalmente publicada no caderno de opinião em meio a cartas argumentativas, editoriais, artigos de opinião, entre outros. De acordo com a análise do nosso *corpus*, a charge quase sempre emite críticas políticas e esportivas, e, esporadicamente, trata assuntos sociais mais amplos. Tem relação íntima com fatos atuais, no geral aborda as notícias mais importantes do dia anterior à sua publicação. A charge tem o poder de condensar várias informações, inclusive procedentes de contextos extremamente diferentes, num processo de intertextualidade que ocorre na linguagem verbal ou mesmo nas imagens.

Este artigo é um recorte de nossa pesquisa de mestrado cujo *corpus* baseou-se na coleta de charges em três dos principais jornais de Pernambuco: Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco. Iniciamos a coleta diária nos três jornais em primeiro de junho de 2006 e procedemos com ela até o dia 31 de outubro do mesmo ano. Escolhemos esse período porque dois fatos importantes aconteciam: a Copa do Mundo e as eleições para presidência, governo de estado, senado e câmara. Assim, previmos que esses dois contextos sócio-retóricos iriam ser constantemente mesclados. Pesquisamos mais de um jornal porque eles possuem públicos-alvos diferentes e chargistas diferentes, o que interfere nas considerações que seriam feitas sobre ação social, multimodalidade e argumentação.

### **O que são charges?**

A charge encontra-se na página de opinião, de editoriais, ou mesmo na primeira página dos jornais porque transmite informações que envolvem fatos, mas é, ao mesmo tempo, um texto crítico e humorístico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, as charges representam figuras com possibilidades existentes no mundo real. Assim, na maioria delas, são utilizadas caricaturas e símbolos e não desenhos lúdicos, fantasiosos. Em sua construção, é necessário ter detalhes que

forneçam dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema tratado.

As charges podem ser constituídas apenas por linguagem não verbal, no entanto é mais comum apresentarem linguagem verbal e não verbal ao mesmo tempo. A linguagem verbal geralmente aparece dentro de balões, representando a fala ou o pensamento das personagens. Na **charge I**, há a fala da cegonha, caracterizada pelo balão pensamento, o qual tem formato de nuvem.



**Charge I (Samuca, Diário de Pernambuco, 13/08/2006)**

É comum a linguagem verbal aparecer também em forma de legendas ou representando ruídos e sons (onomatopeias). Segundo Pagliosa (2005, p. 121), “é o uso de onomatopeias que confere à charge um caráter de discurso audiovisual, permitindo uma comunicação mais realista e direta”. Muitas vezes, as palavras que compõem as onomatopeias possuem uma multimodalidade bastante evidente, uma vez que podem aparecer com letras maiores ou menores, coloridas ou imitando alguma figura, imagem ou símbolo, é o que vemos na **charge II** com o grito de Gol de Ronaldo Fenômeno.



**Charge II (Miguel , Jornal do Commercio, 24/06/06)**

O chargista, ao empregar onomatopeias, pode usar as já conhecidas pela comunidade ou inventar novas formas de representação sonora. As legendas aparecem normalmente no topo do quadro chárstico, ou centralizadas ou à esquerda. Elas determinam, em geral, tempo e espaço em que o fato representado na charge ocorre. Na **charge I**, a legenda determina o tempo quando informa que é dia dos pais.

A charge é uma forma padronizada e reconhecível, já que é um gênero textual estabelecido na nossa sociedade. Não afirmamos, porém, que ela seja totalmente formalizada e imutável, concordando com Bazerman (2006a, p. 48-49) quando afirma que:

A criação de cada autor de um texto num gênero identificável é tão individual em suas características que o gênero não parece fornecer meios adequados e fixos para descrever a realização individual de cada texto sem empobrecimento. Tentativas de reforçar a uniformidade de gênero têm sido vistas sempre como restrições à criatividade e à expressão [assim como também à agência].

Então, com as charges virtuais, que têm possibilidade de animação, além de som, o tão característico balão de fala tornou-se dispensável, já que os personagens literalmente falam. Quanto à representação das personagens, estas são sempre caricaturadas, porém algumas charges virtuais têm usado animações lúdicas que não remetem a nenhuma pessoa real, mas a alguma situação ou fato que se quer criticar. Esses fatos colaboram com a natureza plástica dos gêneros, já que são resultados de práticas de ações sociais marcadas histórico-temporalmente. Os gêneros acompanham o homem em sua natureza inventiva, nas possibilidades que ele cria e nas suas necessidades.

Conforme Miller (1984; 1994; 2009) e Bazerman (2006a; 2006b) gêneros textuais são ações sociais, pois quando eles são produzidos, fatos sociais se realizam. Portanto, os gêneros são parte e se encaixam em atividades socialmente organizadas. A charge é parte do processo de atividade, geralmente, do jornal diário e do leitor desse jornal. Nem sempre o chargista trabalha dentro do jornal, às vezes ele é contratado, mas trabalha no seu próprio computador e envia a charge por *e-mail*. No entanto, precisa estar envolto às notícias que nortearão a temática da

charge. O chargista, na verdade, é um jornalista, em virtude de a charge ser um texto noticioso. Ela é produzida em meio a um momento histórico-cultural e é, ao mesmo tempo, resultado dele. Dessa forma, cabe a ela também o papel de registro histórico. Quanto ao leitor, este vai às páginas de editoriais para saber as opiniões dos diversos articulistas, dos leitores que enviam cartas ou da própria redação do jornal. Dentre os diversos textos construídos apenas por linguagem verbal, está a charge utilizando outra modalidade da linguagem. Assim, o objetivo do leitor da charge é saber a opinião crítica e bem humorada do chargista a respeito de algum fato.

### **Intertextualidade e polifonia: um emaranhado de informações no texto chágico**

As charges, conforme afirmamos, são geralmente publicadas nas páginas de opinião e, em termos de conteúdo, são tão ou até mais densas que outros textos opinativos, como artigos, cartas e editoriais. Elas atraem o leitor justamente por condensarem informações em poucas palavras, favorecendo uma leitura rápida. A compreensão de uma charge, tendo em vista essa condensação de informações, depende de um conjunto de dados e fatos contemporâneos no momento em que se estabelece a relação discursiva entre o produtor e o receptor. Essas informações presentes nas charges são relacionadas por meio da intertextualidade e da polifonia, portanto, para o entendimento do gênero, o leitor deve recuperar as diversas vozes e os diversos intertextos ali presentes.

No dia dos pais, em 2006, Samuca publicou a **charge I** no Diário de Pernambuco. É perceptível nela a condensação de informações, as quais listaremos abaixo:

1. Legenda: data comemorativa em homenagem aos pais.
2. Cegonha: historinha criada para explicar às crianças sobre o surgimento dos bebês.
3. Balão de fala da cegonha: deslealdade e irresponsabilidade de alguns pais em negarem a paternidade a seus filhos.
4. Bebê-sanguessuga: alusão ao esquema fraudulento descoberto pela Operação Sanguessuga, da Polícia Federal, e que se baseava na venda

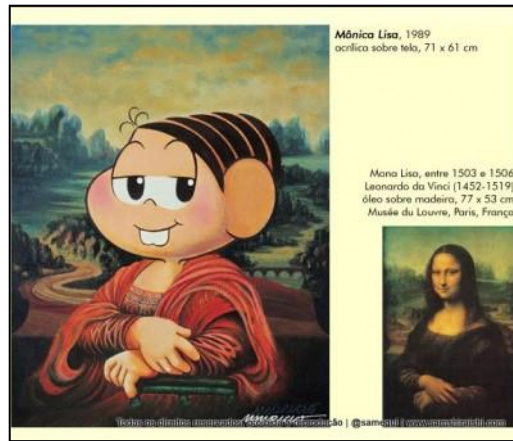
irregular de ambulâncias em pelo menos 11 Estados brasileiros, envolvendo o nome de 64 parlamentares - um senador e 63 deputados.

5. Prédio do congresso nacional: alusão os deputados e senadores.

Para que haja compreensão desse texto é necessário que o leitor recupere os intertextos e as informações acima listadas. Vemos que todas essas informações são contemporâneas à época e se relacionam de forma criativa para estabelecer uma crítica bem humorada. A principal crítica deve-se ao fato de políticos não assumirem a participação no esquema de corrupção.

Então, os textos aparecem numa relação com outros e nunca sozinhos. É isso que, em sentido amplo, tanto Koch (2004), quanto Bazerman (2006b) consideram intertextualidade. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929]1992), Bakhtin faz algumas reflexões acerca da influência que os textos exercem uns sobre os outros, no entanto o vocábulo “intertextualidade” foi usado pela primeira vez por Julia Kristeva (1974). Intertextualidade, para Kristeva, é um mecanismo dialético, uma vez que é através dele que nos inserimos no contexto social e que o contexto social se insere em nós. As reflexões bakhtinianas acerca deste assunto iniciam-se quando ele discorda da teoria de Saussure de que a língua deveria ser estudada no âmbito sincrônico e não no âmbito diacrônico. Dessa forma, Bakhtin considera que todo discurso construído na história da língua é resultado de discursos anteriores e esse conjunto de discursos constrói a história.

Segundo Koch (2004), existe uma intertextualidade em sentido amplo, ao que também chama polifonia, e uma intertextualidade em sentido estrito. O primeiro tipo constata a presença de discursos na construção de textos e o segundo tipo caracteriza-se pela presença implícita ou explícita de um intertexto. A intertextualidade é explícita quando, no texto, informa-se a fonte do intertexto, como em citações, em resumos, resenhas, em referências. Um bom exemplo de intertexto explícito é a obra *História em Quadrões*, de Maurício de Sousa (2001). O autor retrata famosas obras de arte substituindo algumas figuras por seus personagens, no entanto a obra de arte original – texto fonte – é apresentada junto aos “Quadrões”.



**Mônica Lisa (Maurício de Sousa, História em Quadrões, 2001)**

Intertextualidade implícita ocorre quando o intertexto é exposto sem nenhuma menção à fonte. Neste caso, existem duas possibilidades, ou seguir a direção argumentativa do intertexto, apoiando-a ou endossando-a; ou colocá-lo em questão, argumentando em sentido contrário. Nesse segundo caso de intertextualidade implícita, ou seja, com valor de subversão, a inferência do intertexto é crucial para a construção de sentido. A charge apresenta fundamentalmente esse tipo de intertextualidade, a começar pelas caricaturas. O texto fonte, nesse caso, é a própria figura caricaturada, se esta não for reconhecida, a compreensão é comprometida.

A **charge II**, publicada em junho de 2006, durante a copa do mundo, tem como foco central a caricatura de Ronaldo Fenômeno. Durante toda a copa, Ronaldo foi acusado de estar acima do peso. Pela caricatura, o cartunista diz que, ao fazer o primeiro gol, Ronaldo é considerado magro. Toda a compreensão deste texto depende da ativação dos conhecimentos contextuais e da relação feita entre a caricatura e a figura original de Ronaldo. Defendemos, portanto, que a caricatura é fruto de intertextualidade implícita subversiva e que identificar a relação entre ela e os vários textos da memória discursiva é indispensável para a compreensão da charge.

Koch (2004) prefere chamar essa intertextualidade implícita com valor subversivo de *détournement*, palavra francesa que significa uma espécie de apropriação indevida de algo. Para a autora, existe um *détournement* lúdico, simples jogo entre texto e intertexto e um *détournement* militante. Este último, segundo Koch (2004, p. 148), tem como objetivo “levar o interlocutor a ativar o texto original, para argumentar a partir dele, ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo

a novas situações ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do original”. É justamente esse tipo de intertextualidade que as charges realizam, como podemos observar na **charge II**.

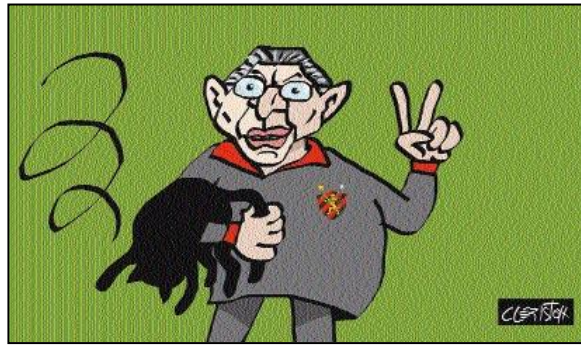
Ao tratar de intertextualidade, Bazerman (2006b) deixa clara sua posição sobre o tema ao afirmar que criamos nossos textos a partir dos textos que estão à nossa volta. Ele define intertextualidade como “as relações explícitas ou implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os outros textos que lhes são antecedentes, contemporâneos ou futuros (em potencial)” (BAZERMAN, 2006a, p. 93). A partir desta definição, Bazerman estabelece seis níveis de intertextualidade. O primeiro nível apresentado é a remissão a textos ou trechos de textos os quais são usados com valor nominal. Este é um nível em que o intertexto se constitui enquanto informação autorizada para os propósitos de um novo texto.

O segundo nível trata de casos em que temas sociais são apresentados em discussão por um intertexto explícito. Por exemplo, um texto relacionado à saúde pública que é composto pelo depoimento de um médico, do secretário de saúde e de um paciente, expostos lado a lado, num confronto direto.

O terceiro nível aborda a intertextualidade explícita ao usar declarações ou citações, geralmente como apoio ou confirmação ao argumento desenvolvido, mas se pode usar uma citação para ir de encontro a ela, não concordando com as ideias do autor.

No quarto nível, Bazerman desenvolve aquele tipo de intertextualidade mais amplo que Koch (2004) considera polifonia, contrapondo à noção de intertextualidade *stricto sensu*, a qual só ocorre com a presença implícita ou explícita do intertexto. O autor em estudo mostra como o texto pode se apoiar implicitamente em crenças ou ideias familiares aos interlocutores e difundidas entre eles. Isso é bastante comum em charges cujo texto-fonte é um provérbio ou frase feita, como a **charge III**:





Charge III (Clériston, Folha de Pernambuco, 23/10/2007)

Nessa charge de Clériston, o ex-técnico do Sport Club do Recife, Givanildo Oliveira, é caricaturado carregando, na mão direita, pelo rabo, um gato preto morto e fazendo um sinal de vitória com a mão esquerda. Em 2006, Sport e Náutico disputavam o Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão. O Sport estava em segundo lugar e o Náutico em terceiro. Os quatro primeiros colocados subiriam, em 2007, para a série A. Um dia antes da publicação desta charge, 22/10/2006, Sport e Náutico se enfrentaram e o Sport venceu por 2x0, consolidando seu passaporte para a série A. Dessa forma, o texto fonte da **charge III** é “pegar o gato pelo rabo”, que significa enfrentar uma dificuldade com maestria, resolver uma situação sem muitos atropelos. Sem linguagem verbal, o chargista claramente nos informa que o Sport, simbolizado pela caricatura de Givanildo, obteve vitória, representada pelo sinal feito com a mão esquerda e não dará mais chance ao azar, uma vez que o gato preto está morto, subindo, assim, para a Primeira Divisão. Dionisio (2006) endossa o pensamento de Bazerman (2006b) acerca desse tipo de intertextualidade quando afirma que “o uso de provérbios visa revelar um valor dado como certo, assegurar uma orientação argumentativa... caberá ao leitor acessar, em sua memória discursiva, tal provérbio” (p. 107). Já que a charge, além de ser um texto humorístico, é um texto de opinião, essa estratégia intertextual coopera na persuasão que o autor do texto pode exercer.

O quinto nível também apresenta intertextualidade em sentido amplo. Bazerman (2006b) afirma que

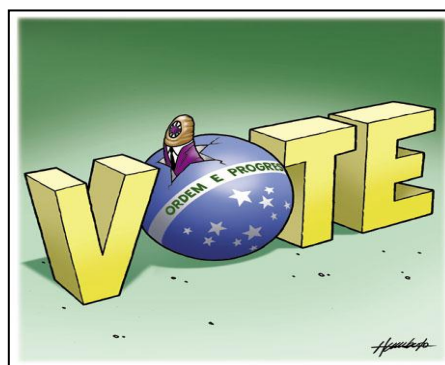
Através do uso de certos tipos reconhecíveis de linguagem, de estilo e de gêneros, cada texto evoca mundos particulares onde essa linguagem ou essas formas linguísticas são utilizadas normalmente com o propósito de identificá-lo como parte daqueles mundos (p. 94).

Então, no texto chárigo, o autor utiliza a caricatura, a linguagem visual, de modo geral, a convenção de representação dos balões de fala, etc. Sem desprezar sua criatividade e seu poder inventivo, o chargista produz seu texto seguindo uma linguagem e um estilo ligados ao humor crítico, à linguagem jornalística e esses fatores fazem com que determinado texto seja considerado uma charge.

No sexto nível, Bazerman (2006b) apresenta algumas técnicas de representação intertextual, o alcance intertextual e a recontextualização. As técnicas de representação intertextual, na verdade, são constatações de como, concretamente, o intertexto pode ser usado. Bazerman (2006b) constata que as relações intertextuais podem envolver alguma distância no tempo, no espaço, na cultura ou na instituição. Alcance textual é, portanto, “a distância até onde um texto viaja por meio de suas relações intertextuais” (2006b, p. 96). Quando um texto-fonte é empregado em outro texto, no entanto permanece no mesmo domínio ocorre intertextualidade intra-arquivo, tal como quando, num livro, aparece a citação de outro livro. Mas os intertextos podem viajar mais longe, como podemos observar se voltarmos à **charge I**, em que o intertexto da lenda da cegonha viaja longe para integrar a crítica aos deputados Sanguessugas.

Com relação à recontextualização, Bazerman chama a atenção para o uso de palavras ou textos em contexto diferente. Esse processo de recontextualização precisa também ser inferido na compreensão porque, no caso da charge, é neste ponto principalmente que reside o humor e a ironia.

O último ponto a ser discutido nesse tópico é a interessante intertextualidade que se dá nos próprios ícones da imagem, o que Arbex (2000) chamou de intericonicidade.



**Charge IV (Humberto, Jornal do Commercio, 19/08/2006)**  
 RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 04, nº 02, ago/dez, 2012  
 ISSN: 2176-9125

A campanha eleitoral para Presidência da República, Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Estadual estava a todo o vapor quando o esquema de corrupção, denominado sanguessuga, que envolvia vários integrantes do poder legislativo e também alguns ministros do governo federal foi descoberto pela Polícia Federal. Na **charge I**, explicamos que esse esquema fraudulento se baseava na venda irregular de ambulâncias em quase todo o Brasil. A charge acima aborda o mesmo assunto.

A intertextualidade dessa charge é interessante, uma vez que ela ocorre muito claramente na imagem. O grande intertexto aqui é a bandeira do Brasil. Na **charge IV**, há o pano de fundo da bandeira que é mantido na charge, entretanto o original losango é transformado em linguagem verbal “vote”. A intertextualidade fica muito clara na charge por causa das cores, como a fonte amarela da palavra “vote”. O círculo azul da bandeira é mantido, da mesma forma que a faixa branca recebe a inscrição “Ordem e Progresso”. As estrelas representativas dos estados também são inalteradas, a exceção é a única estrela que fica acima da faixa representando o Distrito Federal, já que de dentro dela sai um tapuru/sanguessuga de paletó e gravata, representando um político. Poderíamos resumir algumas das opiniões do chargista Humberto em: “A corrupção tem apodrecido o Brasil, mesmo assim, temos que votar” ou “A corrupção tem apodrecido o Brasil, a única arma contra isso é o voto”.

No caso dessa charge, há uma recontextualização, em que os próprios ícones são misturados. Conforme afirmamos, esse tipo de intertextualidade foi denominado intericonicidade. “A intericonicidade pode ser definida, provisoriamente, nos mesmos termos que o conceito de intertextualidade, ou seja, como o processo de produtividade de uma imagem que se constrói como absorção ou transformação de outras imagens” (Arbex, 2000). Nesse caso não ocorre somente uma mudança de contexto ou a retomada de um o texto-fonte, a intertextualidade é realizada nas próprias figuras.

### **Humor na charge**

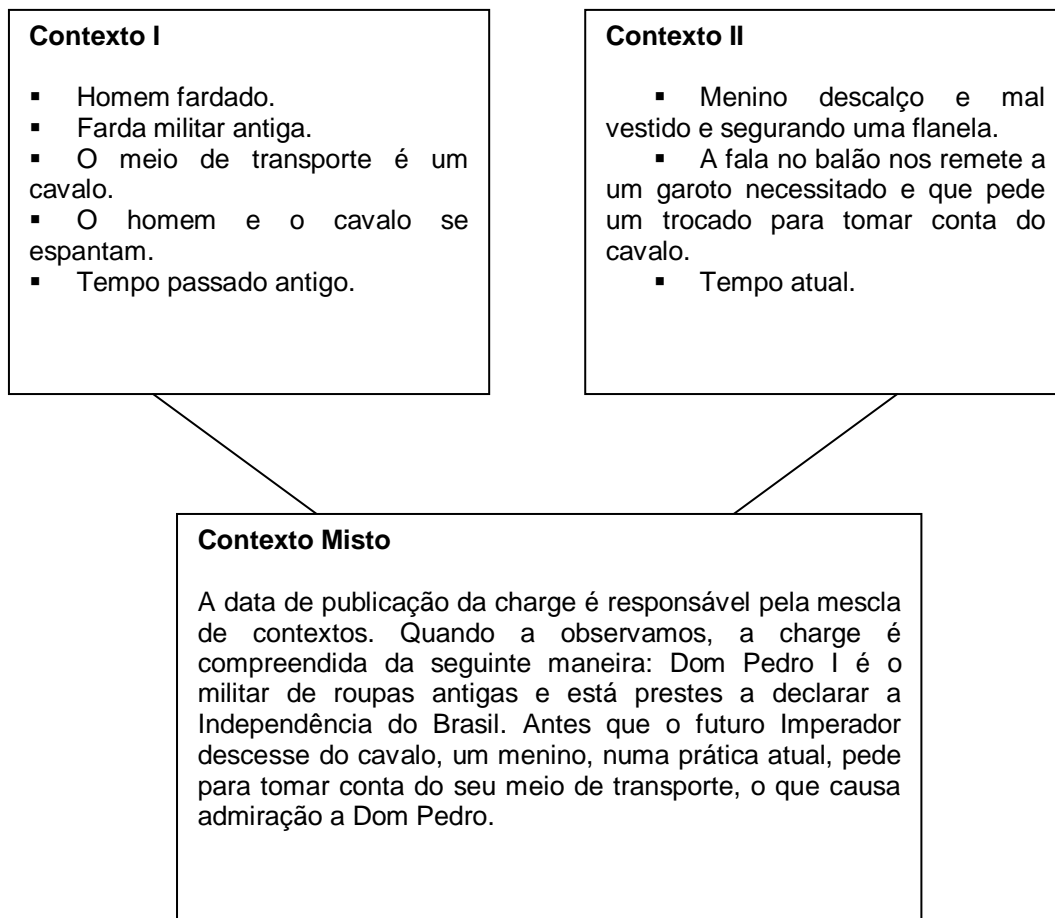
A análise da intertextualidade e da polifonia foi indispensável para o estudo do humor na charge. O humor nesse gênero não é só obtido pelo inesperado ou pela

incongruência, pois ocorre, sobretudo, devido ao jogo de vozes relacionadas e construído através das linguagens verbal e não verbal. Dentre os estudos sobre humor, as Teorias de Resolução da Incongruência retomadas por Pagliosa (2005), explicam que, diante de um texto humorístico, uma informação inicial ativa um esquema de conhecimento que é usado para interpretá-la. No entanto, um dado novo diverge das expectativas ativadas a partir do primeiro contato. Dessa forma, as pessoas procuram, em seu estoque de conhecimento, esquemas diferentes para compreender a informação nova diante do contexto já adquirido. Em resumo: há uma re-interpretação da informação original e só através dessa reinterpretação o humor pode ser estabelecido. Portanto, há uma incongruência, uma divergência de expectativas, e uma resolução da incongruência.

Na verdade, não é unicamente essa relação inesperada ou essa resolução de incongruência que explica o humor da charge. A interação de diferentes textos despertados pela charge em nosso espaço mental, tanto na produção quanto na compreensão, apontam para o entendimento de que a incongruência não é suficiente para caracterizar o humor. Esse também não é extraído pelo simples processo de decodificação dos recursos verbais e visuais da charge, já que o sentido não está no código, vai além dele. Retornando à primeira charge apresentada neste trabalho, perceberemos dois contextos centrais e é a junção deles que realiza o humor.



**Charge V (Samuca, Diário de Pernambuco, 07/09/2006)**



**Esquema I – Contexto Misto**

Nesse contexto misto trazido pela **charge V** estão a crítica e o humor. A crítica seria: a independência ocorreu há muito tempo, entretanto ainda temos problemas socioeconômicos gravíssimos e a política ou os políticos nunca conseguiram resolvê-los. Apesar da crítica e da reflexão que ela provoca serem bastante sérias, a forma como elas são apresentadas é muito engraçada e o humor está justamente na mistura de contextos. Esse contexto misto não é resultado somente de um elemento surpresa. Nós compreendemos a charge numa única olhada e ativamos contextos a partir do nosso estoque de conhecimento, ou seja, dos textos a que temos acesso em nossa vida, mas, no caso das charges, ativamos principalmente textos atuais. Portanto, o humor é obtido não pela só resolução de uma incongruência, mas pela intertextualidade e pela polifonia, já que é a partir dessa relação entre textos que nasce o humor. Pagliosa (2005, p. 156) também defende essa ideia de construção de humor no texto chárgico, para ela:

Para a formalização do humor na charge, criam-se espaços mentais decorrentes das leituras de mundo que o indivíduo faz no decorrer de toda a sua existência. Dessa forma, a mesclagem é uma moldura teórica que envolve inúmeras operações que combinam modelos cognitivos dinâmicos em uma rede de espaços mentais. O processo de mesclagem decorre essencialmente do mapeamento das projeções e da simulação dinâmica para desenvolver a estrutura emergente e para proporcionar novas redes conceituais.

Em seu conhecido trabalho *Os Humores da Língua*, Sírio Possenti (1998) investiga quatro charges e também percebe o humor chárstico emergindo do discurso polifônico. Uma das charges por ele analisada ilustra uma conversa entre crianças consideram seus pais super-heróis, num diálogo do tipo: “Meu pai é mais bonito que o seu!” “Não, o meu é muito mais bonito!”. Porém, na charge, durante a disputa, um dos garotos afirma “Meu pai é muito mais desempregado que o seu!”. Possenti afirma que o efeito humorístico se dá pela ação interdiscursiva, pois no lugar em que se espera um elogio é realizada uma ofensa.

Portanto, reafirmamos que a incongruência não é a principal característica do humor. Este ocorre na charge graças à ambiguidade, à polifonia e à intertextualidade, rompendo com o senso comum sem cair na incoerência.

### **Considerações finais**

Charge, à primeira vista, um texto engraçado e inocente que às vezes até lembra uma HQ com seus balões e desenhos, é o próprio lobo em pele de carneiro. Na verdade, estamos diante de um gênero textual que esboça críticas ferrenhas, precisas, num tom jocoso e irônico. É um texto visual humorístico e opinativo, que critica geralmente personagens ou eventos políticos, esportivos e sociais. Sua construção baseia-se na remissão a um universo textual geralmente dado pelo próprio jornal. O leitor do texto chárstico tem que ser um indivíduo bem informado para que compreenda e capte seu teor crítico, já que, como afirmamos durante as análises, a charge condensa muitas informações. Ela tem o objetivo de estabelecer uma opinião crítica e assim persuadir, influenciar ideologicamente o imaginário do interlocutor.

Retomamos Koch (2004) para afirmar que intertextualidade pode ser considerada em sentido amplo e em sentido restrito. A presença de discursos vários

na construção do texto é denominada intertextualidade ampla. É nesse sentido também que Koch entende polifonia. Em sentido restrito, se caracteriza pela presença implícita ou explícita de um intertexto. A intertextualidade liga-se ao humor, uma vez que, na charge, o sentido humorístico não é encontrado apenas no inesperado ou na incongruência, mas principalmente no jogo de vozes tão presente nela. A partir dessa premissa, vimos que as charges condensam dois, três ou mais contextos no que denominamos contexto misto, fazendo comparações e mesclas inusitadas, resultando numa crítica bem humorada.

### Referências

ARBEX, M. Intertextualidade e intericonicidade. In: Oliveira, L. ET al. (org.). **I Colóquio de Semiótica da UFMG**, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/napg/LIVROCOLOQSEM7.doc>>. Acesso em 20 nov. 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006b.

DIONISIO, A. Conversa entre textos.... In: FERRAZ, C. ET al. (org.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 103-114.

KOCH, I. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRISTEVA, J. **Le texte du roman**. The Hague, Paris, Mouton, 1976.

MILLER, C. **Genre as social action**. Quarterly Journal of Speech 70, 1984. p. 151-167.

\_\_\_\_\_. Rhetorical Community: the cultural basis of genre. In: Freedman & Medway (Orgs.) **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis Publishers, 1994.

\_\_\_\_\_. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

PAGLIOSA, E. **Humor: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge**. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOUSA, M. **História em quadrões**: pinturas de Maurício de Sousa. São Paulo: Globo, 2001.